

Novembro 2003
Cheshvan/Kislev - 5764
n.º 39 4.º Ano

Tikvá תקווה



Boletim Informativo da Comunidade Israelita de Lisboa



Foto: Roger Kahan

“NOITE DE CRISTAL” (1938-2003)

índice

2	Editorial	14/15	Israel em Foco
	Mensagem da Direcção	16	Homenagem Esp. Itzhak Rabin Z'L
3	As Nossas Actividades	17	Tome Nota/Juventude
4/5	Rostos da CIL	18	Cartas dos Leitores
6/7/8	Contando a Nossa História	19	Momento de Reflexão
9	Aconteceu no Mundo	20	Em Novembro/Dezembro
10	Espaço Aberto	21	As Nossas Sugestões
11/12/13	Aconteceu na CIL	22	Homenagens/Nahalot

FICHA TÉCNICA Director responsável: Esther Mucznik **Director da redacção:** Marcos Prist **Conselho Editorial:** Nuno Martins e Diana Ettner **Coordenação Gráfica:** TERRANOVA - Publicidade e Marketing, Lda. **Impressão:** Eurotom, Lda.

Os textos assinados são da responsabilidade dos seus autores

mensagem da direcção

Israel, a maior ameaça à paz mundial ?

Colocada assim, a questão parece totalmente absurda. E, no entanto, foi afirmativamente que responderam 59% dos europeus inquiridos numa sondagem realizada pela Direcção de Imprensa e Comunicação da Comissão Europeia.

Para perto de 60% de europeus, Israel é considerado o país mais perigoso do mundo: surge na lista à frente do Irão, da Coreia do Norte, da Síria, do Iraque...

O resultado desta sondagem é revelador da total inversão de valores que hoje se verifica em grande parte da população europeia: não são os regimes ditatoriais, corruptos e sanguinários que albergam e financiam o terrorismo, que constituem uma ameaça aos seus olhos, mas sim o único país democrático da região, de raiz cultural essencialmente europeia e ocidental.

Israel não está acima das críticas e a sua política é, como qualquer outra, susceptível de ser criticada e condenada. Mas a demonização sistemática, a denúncia permanente, exclusiva e unilateral de Israel, ultrapassa a condenação de uma política, questiona a própria legitimidade da sua existência. Isto tem um nome: anti-semitismo.

Hipocritamente a Comissão Europeia procurou distanciar-se destes resultados e até da própria sondagem. Mas a realidade é que eles são a consequência de uma campanha de desinformação permanente levada a cabo pelos média europeus e de uma política de dois pesos e duas medidas no conflito israelo-palestino. A própria colocação do nome de Israel na lista de países que representam uma ameaça para a paz também não é inocente: não é preciso ser sociólogo para se saber que a resposta está sempre na pergunta...

Esther Mucznik

editorial

Um mês de recordação !

Esta edição do Boletim Tikvá presta a sua homenagem no 8º Aniversário do trágico assassinato de Itzhak Rabin Z'L - grande líder que nos deixou o nobre legado da paz. Missão esta ainda muito árdua e difícil de ser levada a cabo pelos seus sucessores e que tanto aflige aos nossos irmãos em Israel. Também recordamos em Novembro o 65º Aniversário do Cristal Nacht (Noite de Cristal), que marca a também trágica noite de Novembro de 1938, quando o governo hitlerista, a pretexto de vingar um atentado cometido em Paris contra um diplomata nazista, estimulou que os seus milicianos dessem início a um colossal "pogrom" contra a Comunidade Judaica Alemã. O facto acabou por apresentar ao mundo um ensaio do que viria a ser o Holocausto e a tentativa de aniquilação dos judeus e da nossa rica cultura. Momento este então de lembrança e de renovarmos as nossas forças, já que esta malfadada tentativa não foi lograda, pois cá estamos hoje, Judeus da CIL e de todo o mundo a seguir a escrever a nossa história e a contribuir para um mundo mais justo e tolerante, porém sempre atentos e prontos a lutar contra qualquer tipo de discriminação e intolerância, independente do credo, raça ou cor. E quando isto ocorrer o nosso Boletim Tikvá estará sempre atento para humildemente contribuir na documentação e divulgação destes factos.

Marcos Prist
Director Executivo CIL

as nossas actividades



Grupo Guil Hazaav

(Idade de Ouro)

As actividades já reiniciaram!
Ainda não participa neste simpático e agradável grupo???...
Não perca mais tempo!

Actividades Especiais Permanentes
(música, ginástica, palestras, passeios...)

Para adultos a partir dos 60 anos
Encontros semanais
às 4^{as} feiras das 15h30 às 17h00,
sede em Monte Olivete.
Participação: 5 €



Movimento Juvenil Dor Chadash de Lisboa

Mais de 50 jovens já participam!
Agora só falta você!

Actividades todos os domingos,
das 15h00 às 18h00, na Vila Giralda
Rua de Inglaterra, 19 – Estoril
Jovens e crianças a partir de 4 anos
Participação: 5 € por semana

Coral Etz Chaim

(Coral Musical representativo da CIL)



Venha viver momentos muito agradáveis e descontraídos, sem necessitar de uma bela voz...
Inscreva-se já!!! Participe!



Para adultos entre os 20 e 60 anos.
Encontros semanais: das 20h00 às 21h30,
na sede em Monte Olivete
Participação: 5€



Parshat Hashavua

Grupo de Estudos sobre a Parashá da semana

Todos os sábados, antes do Serviço de Minha na
nossa Sinagoga. Coordenação : Alain Hayat



CLUB HOUSE

PORTAS SEMPRE ABERTAS UM CLUBE PARA TODOS

MACABI COUNTRY CLUB

ABRE BREVEMENTE (2004)

Mais informações pelo tel.: 21 393 11 30
Das 14h00 às 17h00 ou pelo e-mail
secretaria@cilisboa.org

Entrevista com Joshua Ruah



Conduzida por Diana Ettner

P: Nasceu em Lisboa e foi aqui que passou a sua infância. O que recorda da CIL da sua juventude e de que forma evoluiu a nossa Comunidade ao longo dos tempos?

Eu nasci em Lisboa, em Setembro de 1940, um ano depois do início da II Guerra Mundial. Os meus pais foram ambos educados em Lisboa, apesar de o meu pai ter nascido em Faro e pertenciam os dois a famílias de origem marroquina. A minha infância foi passada em Lisboa, no seio de uma Comunidade onde não havia grandes eventos para as crianças e os jovens. A partir da existência do Centro Israelita, ainda assim, passou a haver mais convivência entre os jovens mas a verdade é que até então o centro da CIL era a Sinagoga, sendo as crianças educadas, do ponto de vista religioso, por um Rabino. O Rabino Disendruck teve nessa altura uma importância enorme na nossa Comunidade. Sendo um cantor e um homem muito ligado à música, foi capaz de trazer à Sinagoga a “atração” da beleza e do sentido estético da litúrgia, o que atraía muitas pessoas. Mais tarde, após a morte do Rabino Castell, por volta de 1944, veio para Lisboa um *chazan*, chamado para desempenhar as funções de *shohet* e que mais tarde se veio a tornar o Rabino Abraham Assor. Embora fosse um homem muito ligado à ortodoxia religiosa, foi sempre uma pessoa de ideias largas e muito tolerante e aberto na forma de conviver com a CIL. A nossa Comunidade recebeu, antes da Guerra, bastantes refugiados do Norte de África, essencialmente *sefarditas* e portadores de uma tradição *sefardita* que, sendo fundamentalmente ortodoxa, nem sempre o era em absoluto no que respeita ao seguimento religioso das práticas judaicas. Os refugiados que chegaram durante a Guerra, por outro lado, eram essencialmente *ashkenazim*, e chegaram com as suas práticas e tradições diferentes. Esta situação conduziu, de certa forma, a um confronto entre a vida estabilizada da comunidade *sefardita* e as práticas dos *ashkenazim* chegados durante a Guerra.

O papel dos Rabinos Disendruck e Castell na altura foi fundamental para a aglutinação e fusão entre as duas tendências do Judaísmo mediterrânico e norte europeu. Com a criação do Centro Israelita, a CIL chegou a uma situação de homogeneidade, não havendo hoje praticamente nenhuma diferença entre Judeus de uma e outra origem, embora se tenham mantido de forma saudável as tradições de uns e outros. Foi neste contexto que fui educado, do ponto de vista judaico. Nasci numa família de origem *sefardita* tradicional, mas não ortodoxa, que sempre viveu um Judaísmo “caseiro” de tradição marroquina mas muito aberto ao convívio com pessoas Judias e não Judias e onde as festas judaicas foram sempre marcadas por uma grande hospitalidade.

P: A sua participação na vida comunitária da CIL começou muito cedo e foi Presidente da Comunidade durante bastante tempo. Como viveu esses anos de activismo na CIL e como foi suceder ao Professor Amzalak?

Na altura da minha juventude, a CIL era dirigida por homens muito importantes da vida nacional, sendo o nome mais sonante o do Professor Amzalak, que foi um distintíssimo Professor universitário, tendo chegado mesmo a Reitor da Universidade Técnica de Lisboa, e foi Presidente da CIL durante 52 anos. Era um homem muito influente na comunicação social através do jornal “O Século”, um jornal que nessa altura se intitulava como independente e republicano e que sempre se manteve independente do poder estabelecido, embora, claro, com as limitações evidentes da existência de uma censura. Quando o Professor Amzalak faleceu, em 1978, eu já participava nas Direcções da CIL e do Centro Israelita de Portugal há 15 anos, na qualidade de Vogal. A minha participação mais activa tinha-se iniciado em 1963-1964, depois do meu casamento com a Mery. Reuni em minha casa um grupo *ad hoc* de pessoas dedicadas à CIL, tendo-se

constituído ali um grupo directivo não eleito mas que promoveu de imediato a realização de eleições, em Dezembro de 1978. Nasceu assim a primeira Direcção de que fui Presidente. Nessa Direcção participaram membros ilustres da nossa Comunidade, entre os quais Moisés Ettner, Joshua Levy, Narciso Arié, entre outras pessoas que contribuíram de forma decisiva para a reestruturação económica e política da CIL numa época assaz difícil. De facto, vivia-se um período de governos de iniciativa presidencial, com características no contexto internacional muito pró-árabes. Aliás, lembro-me bem da primeira visita de Arafat a Portugal, por volta de 1980, que gerou bastantes protestos da CIL, sobretudo no que respeita ao acesso aos meios de comunicação, acesso esse que nos foi então totalmente vedado. Tínhamos acabado de sair de uma ditadura onde a informação nos era vedada e entrávamos numa democracia onde o acesso à informação continuava a estar vedado...O papel assumido pela Direcção foi um papel essencialmente político e administrativo, deixando-se totalmente a direcção religiosa ao Rabino Assor. Lançámos também uma campanha para as obras do Cemitério, que estava numa situação calamitosa. Nessa campanha acabámos por ter uma resposta “miraculosa” e as obras, inicialmente orçadas em 1600 -1700 contos, realizaram-se na totalidade e foram integralmente pagas, tendo custado cerca de 7000 contos no final. Foi um verdadeiro milagre numa Comunidade adormecida do ponto de vista da contribuição dos seus membros, e foi uma resposta muito positiva perante uma realidade de reconstrução e relançamento da CIL como entidade pública e presente. O espírito judaico é um espírito de acção social para com os outros e nunca deverá ser um espírito de contemplação abstracta e ineficaz de princípios religiosos improdutos. E sempre entendemos que a verdadeira solidariedade começa na família, desenvolve-se face à comunidade e termina com uma acção positiva e real de intervenção na sociedade onde a Comunidade se insere. Após 18 anos de actividade decidimos não nos recandidatar, de forma a deixar que outras ideias e outras pessoas tivessem ocasião de desenvolver a CIL noutros sentidos. Passado um mandato, contudo, fui novamente convidado a candidatar-me. Ofereci de início uma grande resistência mas a insistência de um grupo de pessoas que muito considerava levou-me a candidatar, tendo sido Presidente por mais um mandato e meio, função que abandonei por razões estritamente pessoais.

P: De que forma a sua actividade na Direcção da CIL afectou e influenciou a sua carreira enquanto médico?

Eu fui eleito Presidente da CIL em 1978, seis anos depois de ter terminado a minha comissão no Exército em Angola e na altura em que tinha terminado o internato de cirurgia geral e começado o internato da especialidade de urologia.

Estava, assim, numa fase de formação profissional e com uma evidente necessidade de tempo para a minha profissão. Este facto, no entanto, nunca prejudicou a minha actividade comunitária pois havia tempo para as duas coisas. Sempre reservei um tempo para a profissão e deixei um tempo para actividades extra-profissionais, fossem na CIL ou fora dela. Durante esta fase de formação profissional, sempre me serviu de incentivo o facto de ser Presidente da CIL. Não me parecia aceitável que o Presidente da Comunidade, na sua actividade profissional, não tivesse uma posição que dignificasse a sua actividade comunitária. E a minha posição de Presidente da CIL serviu de tal forma de incentivo na minha carreira que em todos os concursos hospitalares até chegar a Chefe de serviço da carreira hospitalar, me classifiquei em primeiro lugar.

P: E como vê, enquanto personalidade que tanto influenciou a vida da CIL, o futuro da nossa comunidade?

Eu penso que a CIL está hoje numa fase de desenvolvimento e de rentabilização de uma estrutura que se foi criando ao longo de anos e que não teve um impacto tão positivo na acção junto dos jovens. No nosso tempo, embora tivéssemos tido *madrichim*, acabámos por seguir a política, um pouco por falta de meios, das actividades dos mais jovens serem desenvolvidas pelos jovens um pouco mais velhos, tendo-se conseguido manter uma unidade entre os jovens e crianças da CIL, mas sempre sem participação profissional nessa matéria. Neste momento, a Direcção da CIL, sem ter que se preocupar tanto com problemas de estrutura interna, pôde profissionalizar as actividades dos jovens, criando um lugar de Director Executivo que tem actuado não só juntos dos jovens mas junto de todas as faixas etárias da CIL e que tem aglutinado de novo os nossos membros em torno de valores judaicos extremamente importantes, embora não apenas os valores ortodoxamente religiosos. Esta Direcção tem que continuar um trabalho que pode ser de reunificação da CIL, ainda mais quando vemos que nos últimos anos uma enorme quantidade de Judeus veio para os arredores de Lisboa e constituiu-se num grupo separado da Comunidade. A reunificação é fundamental, ainda para mais tendo em conta o aparecimento da Comunidade judaica de Marranos de Belmonte e o desenvolvimento da Comunidade do Porto. Agora, todas estas Comunidades devem ser objecto de uma maior integração e participação colectiva até ao ponto (e porque não?) de se criar uma federação ou organismo de cúpula dos Judeus em Portugal, que coordene as várias Comunidades e tendências dos Judeus portugueses de forma a que se possa constituir aqui um novo pólo de atracção para os Judeus que pretendam sair de países que vivem hoje circunstâncias e evoluções histórias mais agrestes.

contando a nossa história

Adafina e Schulent na Comunidade de Lisboa

Uma consulta atenta à utilíssima obra genealógica de José Maria Abecassis¹, sobre as famílias judaicas sefarditas de Portugal, revela facilmente a dificuldade a que o autor não resistiu ao incluir entre os seus títulos algumas famílias nitidamente ashkenazis, como Blum, Katzan, Mucznik, Muginstein, Muller, Segal, Wolfinsohn, além daquelas de nomes comuns como Levy, Cohen, etc. nas suas possíveis variações. Será essa uma prova mais de que na comunidade judaica de Lisboa não houve uma distinção social entre sefarditas e ashkenazis, que caracteriza outras comunidades "mistas", incluindo o Estado de Israel, onde se assiste a um processo demasiado lento de "integração", que, em Portugal, foi apenas natural e espontâneo.

Não direi que não tenha havido exceções. Em alguns círculos, que não na casa de meus pais, ouvi referir os "insere yiden" (judeus dos nossos), distinguindo-os dos "judeus portugueses", assim como ouvi um sefardita perguntar a outro, se as orações dos ashkenazis "não lhe davam a volta ao estômago". São apenas dois exemplos, mas essas eram as exceções.

Como ashkenazi nunca na minha família fizeram distinção entre os meus amigos judeus, consoante a sua origem; nem nunca senti que nas famílias sefarditas dos meus amigos, me olhassem como judeu diferente. Na relativamente curta história da moderna comunidade judaica lisboeta, podemos distinguir, grosso modo, duas fases imigratórias: os judeus de Marrocos e de Gibraltar, chegados no princípio do século XIX, e os judeus da Europa oriental e central, que começaram a chegar nas primeiras décadas do século XX.

Alguns houve que passaram por Portugal, em épocas mais remotas. Um caso, que não estará mais na memória de ninguém, mas que aprendemos nos "anais da história" é assaz curioso: na sinagoga privativa de Shemaya Cohen, falecido em Lisboa em 1830, o oficiante era um judeu polaco, de Varsóvia, Philip Samuel, que também faleceu em Lisboa, e está sepultado no cemitério israelita da Estrela.

O período da II Guerra Mundial foi evidentemente uma excepção com o grande influxo de judeus da Europa ocupada. Entre os outros ashkenazis, que vieram para Portugal, os primeiros vieram por razões profissionais (Terló, Schwarz) e a maioria como porto de escala para o destino final da onda migratória de então para as

Américas. Ficaram os que ficaram porque se sentiram bem recebidos pela população portuguesa em geral, e pelos judeus locais em particular.

Os recém-chegados foram recebidos de uma forma geral, como irmãos e não como estranhos.

Meu descansado sogro, Zalman Moshe Szary, costumava contar-me como, sendo ainda vendedor-ambulante, ao passar na Rua de S. Bento o senhor Rafael Israel o chamava da sua janela, para que subisse, para descansar e tomar uma chávena de chá.

Na mesma casa ficou minha descansada mãe, há 70 anos, durante os dias em que aguardou em Lisboa o meu nascimento, pois meus pais viviam fora da cidade. E, como quase todos os "jovens" da minha geração, nasci no Hospital Israelita na Travessa do Noronha sob os cuidados solícitos e profissionais da D. Myriam Levy, que, quando me deu a honra de assistir em minha casa à milah do nosso filho Gabriel, ainda nos deixou gravada uma saudação lembrando que ambos, a Guítala e eu, tínhamos sido "os seus pequenos". O meu padrinho foi um ashkenazi, Adolfo Korn, e a minha madrinha uma sefardita, Raquel Amram.

Quase todos esses "pequenos" da nossa geração que hoje vivem aqui em Israel, foram educados religiosamente segundo o rito sefardita. E tivémos uma certa dificuldade em nos adaptarmos às sinagogas ashkenazi que aqui frequentamos. Aliás, também alguns sefarditas de Lisboa se queixam aqui da mesma dificuldade... Como cresci na província, onde só conheci ocasionalmente três famílias judaicas que passavam em negócios pela nossa aldeia, meus pais decidiram mudar-se para Lisboa quando eu tinha 6 anos para que eu começasse a conviver com outras crianças judias.

A primeira preocupação do meu pai foi, naturalmente, procurar emprego, habitação, etc.

Mas logo então, passando numa manhã de sábado junto ao Cais do Sodré, houve um senhor que se lhe dirigiu e perguntou de chofre: "O senhor, por acaso, é judeu?". Talvez porque meu pai era ruivo. Colhido de surpresa meu pai respondeu que sim e logo o seu interlocutor, creio que o descansado Moisés Benezrá, lhe pediu que viesse cumprir minyan na velhinha esnoga "Ets Haim 1.^a", que ainda funcionava ali ao pé na Travessa do Ferregial. Desde então e até sairmos pela primeira vez de Portugal, em fins de 1949, íamos ali a

todas as festas. Cresci como sefardita de adopção, em 1952, encontramos a ÒEts HaimÓ jã fechada, passamos a Žramos os cœnicos ashkenazis naquela esnoga e nunca ÒShaarŽ TikvaÓ onde t'nhamos lugares marcados. nos sentimos excepção.

A hist—ria da minha educação religiosa foi uma sucessão de discriminação. Comecei a maioria dos judeus ashkenazis tambŽm a frequentavam. Alguns atŽ faziam parte da direcção da CIL, s'co de curtos epis—dios. Comecei aos 6 anos com outros foram parnassim da esnoga sem qualquer espŽ-refugiado. O senhor Kinreich, a quem o meu pai ajudava de discriminação.

va na legalização dos seus documentos e que me levou. Quando nos casamos, 'amos nas festas, um dia a uma va com ele para a sinagoga Òdos polacosÓ, ÒDagbga, outro dia ^ outra para estarmos na compa-YaakovÓ, que funcionava ent'co por cima de uma garrafa. Quando faleceu o meu sogro, gem na Avenida Miguel Bombarda. Ali me deram um vive que ir muitas vezes ^ ÒOhel YaakovÓ cumprir minyan. sidur jã sem capas e com falta de muitas folhas e, depois de Shaharit, tinha que comer uma fatia de bolo. Comecei a aprender a ler em sefardita (que n'co Ž exactamente a pronœncia do hebraico moderno) em casa de a ler com pronœncia ashkenazi. um senhor que vivia relativamente perto de n—s, e se chamava, salvo erro, Salomco Mor. Ele ensinava-me a ler e eu insistia com ele para me ensinar o significado tinha muita frequœncia, e nas festas principais a comida das palavras. Para me calar, mandou-me comprar um nidade alugava tambŽm um salco dos Bombeiros moderno de linhas, fez para mim um ponteiro de madeira que se mergulhava na tinta feita em casa, e ensinou-me a escrever umas quantas letras hebraicas que partiam da linha para baixo. Nunca passei da primeira folha do caderno. Começaram depois aulas de hebraico no ÒHehaverÓ. Minha mãe e a senhora Mitzner revezavam-se em levar-nos de elŽctrico para as liœes. fomos o Filipe Mitzner, que andava comigo na escola primária, a irmã dele, Marlene, e eu. Acho que s— aprendi três palavras: ÒShalomÓ e ÒCad KatanoÓ e ÒCadeanÓ de am ali nas redondezas - os Òpolacos das malhasÓ, chamado. Os Mitzner vieram em 1944 para a Palestina. ent'co eram conhecidos pela população portuguesa, por Filipe, que foi depois Fishl e finalmente Efraim, era meu vizinho desde que vižmos viver para Israel. Tanto ele como a Marlene, agora Miriam, se inscreveram na minha Liga de Amizade. O Efraim faleceu inesperadamente em Setembro deste ano. Foi um grande choque para mim.

Durante o per'odo dos refugiados, a ÒOhel YaakovÓ eu insistia com ele para me ensinar o significado tinha muita frequœncia, e nas festas principais a comida das palavras. Para me calar, mandou-me comprar um nidade alugava tambŽm um salco dos Bombeiros moderno de linhas, fez para mim um ponteiro de madeira que se mergulhava na tinta feita em casa, e ensinou-me a escrever umas quantas letras hebraicas que partiam da linha para baixo. Nunca passei da primeira folha do caderno. Começaram depois aulas de hebraico no ÒHehaverÓ. Minha mãe e a senhora Mitzner revezavam-se em levar-nos de elŽctrico para as liœes. fomos o Filipe Mitzner, que andava comigo na escola primária, a irmã dele, Marlene, e eu. Acho que s— aprendi três palavras: ÒShalomÓ e ÒCad KatanoÓ e ÒCadeanÓ de am ali nas redondezas - os Òpolacos das malhasÓ, chamado. Os Mitzner vieram em 1944 para a Palestina. ent'co eram conhecidos pela população portuguesa, por Filipe, que foi depois Fishl e finalmente Efraim, era meu vizinho desde que vižmos viver para Israel. Tanto ele como a Marlene, agora Miriam, se inscreveram na minha Liga de Amizade. O Efraim faleceu inesperadamente em Setembro deste ano. Foi um grande choque para mim.

Na Elias Garcia estava ent'co o ÒHehaverÓ, u associacão de actividades sociais judaicas, iniciativa de alguns ashkenazis, a que se juntara logo muitos sefarditas. Havia tambŽm, durante a guerra, uma associação de judeus polacos a ÒPoilishe VereinÓ, funcionava, salvo erro na Ant—nio Augusto Aguiar, mas foi de vida curta.

A ÒOhel YaakovÓ contri Centro Israelita - Despedida do Rav. Diesendruck - 1952 ou a ser atŽ ^ dŽcada de 60, a sinagoga preferida das fam'lias polacas que viviam ali nas redondezas - os Òpolacos das malhasÓ, chamado. Os Mitzner vieram em 1944 para a Palestina. ent'co eram conhecidos pela população portuguesa, por Filipe, que foi depois Fishl e finalmente Efraim, era meu vizinho desde que vižmos viver para Israel. Tanto ele como a Marlene, agora Miriam, se inscreveram na minha Liga de Amizade. O Efraim faleceu inesperadamente em Setembro deste ano. Foi um grande choque para mim.

Havia ali tambŽm um cafŽ numa esquina, onde as fam'lias se reuniam ^ noite. Lembro-me de uma vez ter ido procurar alguŽm no cafŽ ÒDallasÓ e ninguŽm para saber dizer onde era. Quando finalmente encontrei a pessoa que procurava fiquei a saber que era nomeado pelos judeus: n'co era Dallas, mas sim ÒDallasÓ. O professor que os meus pais me arranjam, e cuja mem—ria ainda venero, foi o senhor MoisŽs Meus pais nunca 'am ^ ÒOhel YaakovÓ. Quando, em 1952, encontramos a ÒEts HaimÓ jã fechada, passamos a Žramos os cœnicos ashkenazis naquela esnoga e nunca ÒShaarŽ TikvaÓ onde t'nhamos lugares marcados. nos sentimos excepção.

Quando nos casamos, 'amos nas festas, um dia a uma va com ele para a sinagoga Òdos polacosÓ, ÒDagbga, outro dia ^ outra para estarmos na compa-YaakovÓ, que funcionava ent'co por cima de uma garrafa. Quando faleceu o meu sogro, gem na Avenida Miguel Bombarda. Ali me deram um vive que ir muitas vezes ^ ÒOhel YaakovÓ cumprir minyan. sidur jã sem capas e com falta de muitas folhas e, depois de Shaharit, tinha que comer uma fatia de bolo. Comecei a aprender a ler em sefardita (que n'co Ž exactamente a pronœncia do hebraico moderno) em casa de um senhor que vivia relativamente perto de n—s, e se chamava, salvo erro, Salomco Mor. Ele ensinava-me a ler e eu insistia com ele para me ensinar o significado tinha muita frequœncia, e nas festas principais a comida das palavras. Para me calar, mandou-me comprar um nidade alugava tambŽm um salco dos Bombeiros moderno de linhas, fez para mim um ponteiro de madeira que se mergulhava na tinta feita em casa, e ensinou-me a escrever umas quantas letras hebraicas que partiam da linha para baixo. Nunca passei da primeira folha do caderno. Começaram depois aulas de hebraico no ÒHehaverÓ. Minha mãe e a senhora Mitzner revezavam-se em levar-nos de elŽctrico para as liœes. fomos o Filipe Mitzner, que andava comigo na escola primária, a irmã dele, Marlene, e eu. Acho que s— aprendi três palavras: ÒShalomÓ e ÒCad KatanoÓ e ÒCadeanÓ de am ali nas redondezas - os Òpolacos das malhasÓ, chamado. Os Mitzner vieram em 1944 para a Palestina. ent'co eram conhecidos pela população portuguesa, por Filipe, que foi depois Fishl e finalmente Efraim, era meu vizinho desde que vižmos viver para Israel. Tanto ele como a Marlene, agora Miriam, se inscreveram na minha Liga de Amizade. O Efraim faleceu inesperadamente em Setembro deste ano. Foi um grande choque para mim.

contando a nossa história

O Hel Yaakov. Ensinava ao mesmo tempo dois miçvot, um em ashkenazi, e outro, eu, em sefardita. Claro que fiz a Bar-Mitzvã na velha esnoga Ets Haim no dia de Sucot e o senhor Goldreich, que me acompanhou, foi convidado a fazer a oração do Hallel que impressionou a todos pela sua beleza e simplicidade. Em sefardita, claro.

Moisés Goldreich foi mais um exemplo de integração comunitária: uma das suas filhas, Helena, casou com um Ashkenazi, Salomão Mucznik, e a outra, Alice, com um sefardita, Samuel Sequerra Amram. Não creio que alguém fizesse jamais reparo nos casamentos, relativamente frequentes, entre noivos das famílias mais antigas sefarditas, e dos ashkenazis. Com uma excepção: de uma das vezes que o então ministro dos negócios estrangeiros de Israel, Moshé Sharett, passou pelo aeroporto de Lisboa e um grupo de representantes da comunidade do Centro o foi cumprimentar, teve este comentário em relação a esta situação: "Não, não, em Israel, também temos bastantes casamentos mistos". Ficamos todos em choque. Para nós os casamentos mistos tinham um significado diferente.

Hoje ainda tenho certamente convites para as festas de Hanucá no Centro, onde figuravam sempre os tradicionais latkes e buuelos, outro exemplo de integração natural. Pena que o excelente trabalho do engenheiro Abecassis - inspirado por seu pai que uma vez, numa festa de Bar Mitzvã me falou longamente sobre este seu projecto - não tenha sido complementado com um volume sobre os judeus ashkenazis, muitos dos quais figuram em citações nos diversos títulos e no índice de apelidos. Tanto mais que, como escreve o autor, ele já tinha fotocopiado todos os registos da comunidade.

Início Steinhardt

Abecassis, José Maria - Genealogia Hebraica Portugal Gibraltar - S. Cs. XVII a XX - Lisboa, 1991

Outra fase da minha aprendizagem foi o vocabulário especial da comunidade. Não se podia dizer que faltava um para minyan. O Faltar era falecer, palavra que também não se usava. O funeral era a Mizvah, todas as festas eram Piscoas, etc.

aconteceu no mundo

Israel é apontado pelos europeus como a maior ameaça à paz mundial

Israel foi descrito como a maior ameaça à paz mundial - à frente da Coreia do Norte, do Afeganistão e do Irão - de acordo com uma pesquisa não publicada da Comissão Europeia que ouviu 75 mil europeus, informa o *The Guardian*. Segundo o jornal britânico, a pesquisa, feita em Outubro, com 500 pessoas de cada um dos países-membros da União Europeia, incluía uma lista de 15 países com a pergunta: “diga, na sua opinião, se este país representa ou não uma ameaça à paz no mundo”. Israel foi escolhido por 59% dos entrevistados. De acordo com o diário, o vazamento dos resultados da pesquisa para o jornal espanhol *El País* e o *International Herald Tribune* iniciou uma disputa diplomática internacional, com um grande grupo judaico de lobby e direitos humanos, o Simon Wiesenthal Centre, exigindo que a UE seja excluída do processo de paz israel-palestiniano e a acusar a Europa de estar a sofrer da pior epidemia de anti-semitismo desde a 2ª Guerra Mundial.

José Saramago ataca novamente os judeus

O vencedor do Nobel - José Saramago disse que os judeus “não merecerão por muito tempo a simpatia pelo sofrimento que passaram durante o Holocausto”. Saramago, que ganhou o prémio de Nobel em literatura no ano de 1998, disse recentemente no Brasil que “os judeus viverem sob as sombras do Holocausto e a quererem ser perdoados por qualquer coisa que fazem, em nome dos que sofreram, parece abusivo para mim. Eles não aprenderam nada com o sofrimento dos seus pais e avós? “ Um crítico regular de Israel, o escritor português em outra oportunidade já havia comparado a cidade de Ramallah ao campo de concentração nazi de Auschwitz dizendo : “O espírito de Auschwitz está presente actualmente em Ramallah. Disse também que “os israelitas estão a construir muros que nos fazem lembrar os guetos”.

Fonte : JTA

“Os judeus governam o mundo por procuração”

Teve lugar na Malásia a 10ª cimeira da Organização da Conferência Islâmica que reúne 57 países. O anfitrião do encontro, o primeiro ministro da Malásia, Mahathir Mohamad apelou aos 1,3 biliões de muçulmanos do

mundo a unirem-se contra os poucos milhões de judeus: “Os Europeus mataram seis milhões de judeus em doze. Mas, hoje, os judeus dirigem o mundo por procuração. Eles conseguem que os outros se batam e morram por eles. Estamos em face de um povo que reflecte. Sobreviveram a 2000 anos de progridos, não devolvendo os golpes, mas reflectindo. Os judeus inventaram o socialismo, o comunismo, os direitos do homem e a democracia para que a sua perseguição seja vista como um mal e para que possam usufruir os mesmos direitos dos outros. Tal tática permitiu-lhes assumir o controle dos países mais poderosos”. Sempre a mesma velha tese da dominação judaica do mundo, de novo “ Os protocolos dos Sábios de Sião”. Mas o mais grave é que não houve um único país muçulmano a protestar contra esta intervenção que foi vibrantemente aplaudida no final.

“O pior caso de anti-semitismo dos últimos anos”

Assim classifica Paul Spiegel, Presidente do Conselho Central dos Judeus na Alemanha, o discurso do deputado da CDU, Martin Hohmann afirmando que os judeus são um “Tatervolk”, (um povo de culpados) porque grande número de judeus participou activamente na revolução russa de 1917, que segundo ele causou a morte a milhões de pessoas. Entre as inúmeras cartas de apoio ao seu discurso, que ele afirma ter recebido, encontrava-se a de um general do exército Reinhard Guenzel, concordando “que se pode questionar com uma certa fundamentação a culpabilidade dos judeus”. Esta tomada de posição do militar foi considerada “insuportável” pelo governo alemão que o afastou do exército no próprio dia.

Vítimas de Hitler?

A Associação dos Deportados Alemães tem o projecto de construir em Berlim um Centro de Documentação que recorde os 12 a 15 milhões de alemães expulsos da Europa Central no final da Segunda Guerra, após a capitulação nazi. Os deportados consideram-se as “últimas vítimas de Hitler”. Reconhecendo muito embora o sofrimento de muitos alemães inocentes depois da guerra, o Chanceler Gherard Schroeder argumenta que a criação de um Centro Nacional seria “um passo atrás” porque iria contribuir para obscurecer as causas e os contextos diferentes das deportações. Para Wladyslaw Bartoszewski, sobrevivente de Auschwitz, a pretensão da Associação é que, a seguir aos judeus, os alemães surjam como as principais vítimas de Hitler.

espaço aberto

Uma engraçada viagem a Berlim

Ao ler o Tikvá onde tem sempre umas histórias engraçadas, lembrei-me de contar este episódio, pois é mesmo uma anedota!...

Fui viajar com um grupo até Berlim, e mais outras cidades alemãs, e dali fomos de autocarro até à Polónia, onde estivemos em várias cidades, que por sinal estão a ficar muito bonitas. Ficámos 3 dias em Vársovia. No programa estava planeado um jantar com música num restaurante não polaco mas sim judeu ou hebraico com a dita comida que nós todos conhecemos!

Éramos um grupo de 40 pessoas em que a única judia era eu. O restaurante era simples, uma sala com muitas mesas tipo casa de família judaica em que nas paredes havia aqueles quadros antigos de pessoas; velhos de barba, senhoras antigas parecendo as nossas avós ou bisavós desses tempos etc..

Depois os motivos de decoração eram gramofones antigos, máquinas de costura em mesa, até uns samovares, tudo estava adequado à sala de jantar. O jantar perfeito! Eu estava tão contente que ao entrar disse logo

“Shalom” ! O Sr fez uma vénia e também respondeu! No meio do jantar vieram então os ditos músicos novos, dois rapazes e uma rapariga cada um com o seu instrumento. Um violoncelo, uma flauta e uma concertina. A música era linda parecia sefardita! Todos bateram imensas palmas e quando acabámos a nossa refeição levantei-me e fui conversar com eles dizendo que era judia e gostaria de um dia os poder ouvir em Portugal na nossa Comunidade.

Penso falavam inglês, mas disseram-me que não eram judeus. Fiquei um pouco desiludida no meu entusiasmo! Por fim ao despedir-me do dono do restaurante perguntei donde é que ele era e se havia muitos judeus em Varsóvia! E até dar-lhe os parabéns por estar a voltar às raízes fazendo por este meio honrar os antepassados com a comida. Qual o meu espanto quando ele também disse que não era judeu. Então explicou-me que está na moda este tipo de comida hebraica e polaca. E como não há lá muitos turistas eles procuravam explorar este tipo de restaurante. E disse que tem muito sucesso!

E esta hem ?

Vera Korn



**65 ANOS DA "NOITE DE CRISTAL"
CRISTAL NACHT - 1938/2003**

IRONIA DA HISTÓRIA ...

“Quando o meu avô deixou a Europa em 1937, havia grafites nos muros dizendo: Judeus para a Palestina! E agora quando visito a Europa os grafites dizem: Judeus, fora da Palestina! Que memória curta têm os europeus ...”

Grupo Guil Hazaav completa o seu 1º Aniversário

Foi com muita alegria e satisfação que o Grupo Guil Hazaav comemorou durante o mês de Outubro o seu 1º aniversário. Neste dia realizou-se uma actividade especial com a presença do Sr. Alain Hayat que proferiu uma palestra sobre “O conflito das gerações na óptica judaica”, tema este que gerou um interessante debate entre os presentes. Em seguida todos comemoraram cantando algumas das músicas do já vasto repertório desenvolvido pelo grupo ao longo deste primeiro ano de actividades. O Grupo Guil Hazaav já conta com cerca de 15 participantes com idade a partir dos 60 anos e agora prepara-se para mais uma participação especial na grande Festa de Chánuka da CIL que se realizará no mês de Dezembro. Às actividades do grupo ocorrem sempre às 4ª feiras, das 15h30 às 17h00 no Monte Olivete.



“A Paz é a Melhor das Bençãos Divinas”

Teve lugar em Évora, a 22 e 23 de Outubro uma Conferência Internacional subordinada ao tema “O Diálogo Inter-Religioso na Construção da Paz”. Do lado judaico participaram o Rabino Baruh Garzón de Madrid, “Religião, Violência e Paz” e Esther Mucznik, “Democracia e Liberdade Religiosa”.

Na sua intervenção o Rabino Garzón, que dirige o Centro de Estudos Sefarditas de Madrid e o Centro Educativo Sefardita de Jerusalém, afirmou que “Para o judeu, abrir caminhos para a compreensão entre os homens é um dever religioso e é assim que nós o vemos cada dia, a partir das primeiras páginas do Ritual de Orações. (...) Para um judeu, nunca é D’us que está em jogo. Portanto, não pode transformar-se em fanático, ao interpretar as suas próprias batalhas e projectos pessoais, individuais e colectivos em termos apocalípticos e messiânicos, como se fosse parte da luta maniqueísta entre o bem e o mal, à semelhança do que costuma fazer o suposto mártir fanatizado, imolando-se com consciência de ter conseguido matar os inimigos de D’us. (...) Shalom, a Paz, é um valor religioso fundamental no judaísmo”



Prof. Dr. Moisés Ayash é nomeado

O Prof. Dr. Moisés Levy Brendão Ayash, Presidente da Mesa da Assembleia Geral da CIL foi eleito recentemente Presidente da Federação Mundial do Judaísmo Marroquino em Portugal, entidade esta com sede em Jerusalém. Nossos votos de sucesso.



Sucot - Simchat Thorá CIL



A improvisada Sinagoga montada na sede administrativa da CIL, onde se passou recentemente a realizar os serviços religiosos da nossa Comunidade durante as obras da Sinagoga Shaaré Tikvá, tornou-se pequena para as comemorações da últimas festas do mês de Tishrei. Dezenas de pessoas circularam nestas datas e participaram nas festividades de Sucot e Simchat Thorá e, apesar do espaço limitado, não deixaram de celebrar com muita alegria estas datas e comemoraram com muita música e dança na bela e aconchegante Sucá construída com muito carinho no pequeno pátio externo desta sede. Tudo isto acompanhado dos sempre saborosos "kidushim" preparados também com muito carinho pela querida Sra. Rebeca Assor. Em breve teremos as comemorações da festa de Chánuka, quando para além do sagrado acendimento das velas e dos serviços religiosos, teremos um grande evento para congregar toda a nossa Comunidade em torno desta também importante data do nosso calendário. Portanto até lá e não esqueça : venha e traga a sua família !



Festa de Sucot do Dor Chadash

O Movimento Juvenil Dor Chadash realizou durante o mês de Outubro na Vila Giralda, uma actividade especial em comemoração da Festa de Sucot. Desta feita cerca de 30 chanchim (educandos) participaram activamente nas actividades interactivas, dirigidas pelos 6 madrichim presentes neste dia. O grupo dos Tzeirim (jovens dos 12 aos 15 anos) trabalharam intensamente na montagem de uma bela Sucá, lindamente decorada pelos outros grupos dos Garinim (7 a 11 anos) e Matchilim (3 a 6 anos). Em seguida, todos juntos puderam já, sob o tecto da Sucá, como manda a tradição, conhecer mais sobre esta tão importante data do nosso calendário judaico e saborear um delicioso lanche. Nesta dia os Tzeirim puderam também participar nalguns divertidos jogos alusivos a esta data, e de forma lúdica puderam integrar-se ainda mais aos seus valores e costumes.



Uma homenagem da CIL no
**8º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE
 YITZHAK RABIN Z"l**
 (NOV. 1995 - NOV. 2003)





O "ABU" QUE SE SEGUE...

Ahmed Qurei, mais conhecido por *Abu Ala* é, na sequência da demissão de *Abu Mazen*, o senhor que se segue como primeiro-ministro da Autoridade Palestiniana.

Até há cerca de dez anos atrás, altura em que Yasser Arafat o escolheu como negociador nos Acordos de Oslo e porta-voz do Conselho Legislativo Palestino, *Abu Ala* era um perfeito desconhecido na arena política, mesmo para os seus próprios conterrâneos. Qurei foi durante muitos anos um homem dos bastidores, ligado sobretudo à administração financeira. Foi ele quem construiu e dirigiu o Samed, o "braço económico" da OLP, um verdadeiro império com negócios e investimentos em três continentes.

Apesar dos seus 66 anos e da sua relutância inicial em aceitar o cargo, Arafat insistiu e acabou por convencê-lo. Para o líder palestino este é o homem certo para o lugar certo. Ao longo dos anos, *Abu Ala* acatou sempre as suas decisões e, mesmo quando discordou, fê-lo sempre demonstrando o maior respeito pelo presidente. Como homem de negócios que é, sabe que bater com a porta é a última solução, que nem sempre se pode ganhar e, para obter resultados, é por vezes preciso condescender, ter o mínimo de prejuízos possível e capitalizar nos momentos certos.

Os negociadores de Israel, como Shimon Peres e Yossi Beilin, reconhecem e valorizam estas qualidades de Qurei. No fundo, mesmo os israelianos mais críticos, não é a ele que põem em causa, mas sim a própria liberdade de acção que Arafat lhe dará. Fundamentalmente, todos sabem que é alguém com quem se pode negociar. *Abu Ala* não é um estadista com visão de futuro, não tem grandes aliados políticos nem uma ideologia própria. Mas é um homem directo, inequívoco e focado em resultados.

Das suas entrevistas e comentários em privado, alguns comentaristas depreendem que terá tirado as necessárias ilações dos erros cometidos pelo seu predecessor.

Abu Mazen fez um apelo directo ao fim da Intifada, criticou e pretendeu ilegalizar o terrorismo e antagonizou-se com Yasser Arafat. O novo primeiro-ministro prefere olhar para a situação sob o ponto de vista dos interesses do seu povo e falar em "por fim ao caos" interno. Resolver o problema da "segurança dos palestinianos" e a grave situação económica que os aflige. O fim da Intifada, de que os próprios palestinianos já estão fartos, seria uma consequência lógica do seguimento desta política. Em relação ao *Hamas*, o seu discurso também é diferente: não lhes pede o cessar-fogo imediato, nem o desarmamento, nem os pôs fora da lei. Propôs-lhes um compromisso intermédio: que não andem armados na rua e que não armazenem explosivos nem lancem ataques em zonas urbanas do território palestino, preservando assim a segurança da população. Que tomem as devidas precauções e sejam selectivos, em prol do seu próprio povo.

Em troca, Qurei permitirá não um membro do *Hamas* mas um elemento da confiança desta organização no seu governo. Do mesmo modo, criou espaço para elementos dos *Tanzin*, o braço armado da OLP, que foram responsáveis pelo golpe de estado que depôs *Abu Mazen* mas que Arafat ignorou quando iniciou os contactos para a constituição do mesmo.

Esta fórmula pretende deixar Arafat numa situação confortável e satisfazer o seu ego presidencial. Sem maltratar o *Hamas*, colocá-lo sob a égide da "união nacional palestina". A mensagem para os israelianos e americanos é clara: não era bem isto que vocês queriam, mas é uma etapa e "o óptimo é inimigo do bom". Tacitamente, Qurei já enviou também um pequeno *post-scriptum* para Ariel Sharon: se este compromisso também não resultar e não conseguirmos resolver o problema como "homens de negócios", o que virá será pior.

GABRIEL STEINHARDT

Palestra do Professor Jonathan Gershoni da Universidade de Tel Aviv, no Hospital de Santa Maria sobre HIV

No passado dia 16 de Outubro de 2003, o Professor Jonathan Gershoni da Universidade de Tel Aviv deu uma palestra, no auditório de farmacologia do Hospital de Santa Maria, sobre os avanços nos estudos da área do HIV, nomeadamente as pesquisas que tem liderado em Israel para obtenção de uma vacina. O professor Gershoni é um reputado especialista em biologia molecular e imunológica da Universidade de Tel Aviv. É ainda Presidente da Israeli AIDS Task Force, uma organização não-governamental que se dedica à educação e consciencialização do flagelo da SIDA. Na assistência encontravam-se as mais destacadas personalidades desta área de investigação, que apesar de ter sido a primeira vez que se concretizou a presença do distinto professor israelita em Portugal, a sua exposição causou tal impacto que despertou o desejo de encetar uma futura colaboração.

MED BRIDGE

Entre os dias 25 e 28 de Outubro, teve lugar em Israel, o 1º Forum Inter-Parlamentar "MedBridge". Este encontro, cujo principal objectivo é fazer uma ponte entre a Europa e o Médio Oriente, contou com a participação de mais de 150 parlamentares em representação de 28 parlamentos europeus. Portugal fez-se representar por sete deputados de várias forças políticas representadas na Assembleia da República, tendo sido acompanhados por uma jornalista do DN. Os parlamentares tiveram oportunidade de se reunir com o Rei Abdullah da Jordânia, o Primeiro Ministro israelita Ariel Sharon e o Ministro dos Negócios Estrangeiros Silvan Shalom; bem como Shimon Peres com o Primeiro Ministro palestino Ahmed Qorei.

Departamento de Imprensa
Embaixada de Israel

Homenagem a Itzhak Rabin Z´L

A Embaixada de Israel em Portugal realizou no início do mês de Novembro uma tocante homenagem a Itzhak Rabin Z´L, na passagem do 8º aniversário do seu trágico e inesquecível assassinato. Durante a cerimónia foram lidas biografias e textos que lembraram a memorável história deste grande líder. A convite do Embaixador de Israel em Portugal - Sr. Shmuel e sua esposa e Adido Cultural Sra. Nava Tevet, estiveram presentes neste dia em nome da CIL o seu Presidente Sr. José Oulman Carp; Esther Mucznik - Vice-Presidente, Samuel Levy - Ex-Presidente e actual Conselheiro para Assuntos Religiosos e Marcos Prist - Director Executivo.



homenagem especial a Itzhak Rabin Z'L



EXCERTOS DO DISCURSO DE YITZHAK RABIN NO CONGRESSO AMERICANO EM WASHINGTON, 26 DE JULHO DE 1994.

Senhoras e Senhores,

Esta discussão nunca terá um fim:
Quem desenha a face da História?
Os líderes ou as circunstâncias?
Aqui está a minha resposta para vós:
Todos nós desenhamos a face da História.
Nós, o povo.
Nós, o agricultor que caminha atrás do arado;
O professor na escola;
O médico que salva vidas;
O cientista atrás do computador;
O operário da fábrica que todos os dias enfrenta a máquina;
O servente de obras no topo dos andaimes.
Nós, a mãe que acompanha em lágrimas o filho no dia em que entra para o exército;
Nós, o pai que em noites insones, se preocupa pelo bem estar dos seus filhos.
Nós, judeus e árabes.
Nós, o povo.

Nós desenhamos a face da História e,
Nós, os líderes, ouvimos as vozes;
Reconhecemos os desejos do coração de dezenas, milhares, milhões de vozes e traduzimo-los para a realidade.
Eu não estaria aqui hoje neste acontecimento histórico, se não fosse a grande vontade de Paz do meu povo.
Eu, n.º pessoal 30743, Chefe de Estado-Maior na reserva, Yitzhak Rabin; soldado das Forças de Defesa de Israel.
Soldado do exército da Paz de Israel.
Eu, que enviei unidades para o fogo e soldados para a morte, digo-vos meus amigos:

Vamos hoje sair para uma guerra sem mortos nem feridos; que não tem sangue nem sofrimento. A única guerra em que vale a pena lutar: a guerra pela paz.

tome nota

IMPORTANTE !



LOCAL DOS SERVIÇOS RELIGIOSOS DA CIL

Comunicamos que durante todo o período das obras de restauro da sinagoga, os Serviços Religiosos da CIL serão realizados na nossa sede no Monte Olivete. Solicitamos porém que o acesso e permanência em nossa sede ocorra somente nos horários dos serviços religiosos, para a melhor organização das nossas actividades e para o bom funcionamento dos nossos serviços administrativos.

Contamos com a colaboração e compreensão de todos.

- COMUNICADO -

OBRAS DE RESTAURO DA SINAGOGA



1904-2004

CENTENÁRIO DA SINAGOGA SHAAREI TIKVÁ



As obras tiveram início no passado dia 7 de Outubro. Por motivos de organização e segurança, comunicamos que o acesso à Sinagoga estará proibido durante todo o período de realização das obras

Agradecemos pela compreensão

TESOURARIA



CAMPANHA DE QUOTAS 2003

Agradecemos às dezenas de pessoas que atenderam ao nosso apelo na edição passada e efectuaram os seus pagamentos. Solicitamos porém aos correligionários que ainda não efectuaram o pagamento das suas quotas relativas ao ano de 2002 e/ou 2003, que o façam impreterivelmente até ao próximo dia **30 de Novembro**. Contamos com o vosso fundamental apoio e colaboração !

A CIL NA RTP2:

Programa Fé dos Homens

Quarta-feira, 3 de Dezembro, 18h00 - Tema: "Chanuka"

Programa mensal da Comunidade dedicado ao Judaísmo Português

juventude



**Vem aí mais um
Grande Encontro de Jovens CIL- CJM
"O Retorno "**



Agora são os jovens da CIL que receberão os de Madrid !
Todos juntos noutra grande evento !



Jovens de 13 a 15 e 16 a 20 anos
De 5 a 8 de Dezembro em Lisboa

Reserva esta data! Mantenha-se informado e participe !

Não fique de fora desta !!!
Aguarde novas informações !



cartas dos leitores

Não Dando a outra Face.....

Não pretendendo escrever uma resposta a um artigo de opinião, que é isso mesmo de opinião, importa no entanto esclarecer alguns pontos.

No dia 29 de Junho juntámo-nos de facto para apreciar contas de gestão, mas apenas do ano de 2002 como manda a regra, e este ano foi com atraso, por razões várias, que foram detalhadamente discutidas então, e não de 2001 e de 2002 .

Este foi o tema essencial da nossa reunião que durou, para cânones da CIL, bem pouco tempo. Outros temas foram tocados sendo que o Rabino também o foi.

A “juventude e inexperiência “ do Monia enquanto membro nomeado da mesa - Vice Presidente - justifica esta pequena confusão. Importa no entanto perceber que, este pequeno entroito de “faits divers” que nos foi proporcionado serviu para levar o assunto ao tema principal, RABINO.

São feitas, ao longo do texto, afirmações relativas ao Rabino Vaknin mais propriamente ao seu desempenho. Afirmações essas com um atraso entre 6 meses e 3 anos, logo claramente fora de contexto e desapropriadas. São também indicados os números, os tão famosos números da indemnização do Rabino. Com um salário igual ao que vem expresso, o signatário investiria algum do seu tempo em aprender para Rabino e Obviamente que o montante da indemnização está também inflacionado. Para que possam os nossos sócios ficar descansados o salário do Rabino era de menos de metade dos valores apontados.

Defendendo a sua posição não se informou o suficiente antes de afirmar que a Direcção na sua busca de um novo Rabino não quis saber da opinião da Comunidade. De facto e poderão testemunhar todos os que, tendo sido convidados, quiseram estar presentes e participar que o processo de selecção do rabino tem sido de total abertura e transparência.

Foi criado um painel de entrevistadores dos candidatos composto por pessoas das mais variadas tendências e desejos, que e porque não é possível ter 300 entrevistadores, representam a Comunidade.

Disto, ainda na fase inicial do processo, foi dado público conhecimento com a publicação de nota informativa no Tikva n.º 36. Cremos que desta forma a opinião da Comunidade está salvaguardada, pelo que as reflexões do nosso amigo, legítimas por certo mas também desajustadas no tempo, não trazem nada ao processo de selecção que não houvesse sido já posto em prática.

Terminando com uma referência a limites. Sendo óbvio que a Assembleia Geral da CIL é soberana poderá, se achar que deve, fixar todos os limites que quiser. Pode por exemplo determinar que a compra de material de escritório não deve ultrapassar os 5 euros por funcionário e por ano, ou pode como tem vindo a fazer confiar no bom senso dos que elegeu e a quem conferiu os poderes para gerir e apresentar contas.

José Ruah
Tesoureiro e Responsável pela Área de Religião

Resposta à carta do Sr. Monia Atzmon, publicada na edição 38 - rúbrica - Espaço Aberto

TESES DEPOIS DE ROSH HASHANÁ E YOM KIPUR

1. Ensinam vários Midrashim que Hashem criou o Mundo para Israel, que Israel é o conceito que designa o destinatário do Bem, que Hashem oferece e que o meio criado para a transmissão/recepção deste Bem é a Torá.
2. Em Rosh Hashanáh celebramos HaYom Harat Olam, o aniversário do Mundo. Mas celebramo-lo no sexto dia da criação em que Adam HaRishon foi formado e não no primeiro dia, porque Adam HaRishon, Homem e Mulher, era o Israel em potência, para quem o Mundo foi criado.
3. Adam HaRishon falhou quando desobedeceu a Hashem e dez gerações mais tarde a sua descendência desaparece no dilúvio. Salvo Noach (e a sua família) que surge como um "Adam HaSheni" numa segunda "Criação" mas a sua descendência também falha e acaba dispersa e dividida em nações na sequência da Torre de Babel. A Humanidade deixa assim de ser Israel em potência.
4. O terceiro candidato a Israel é Abraão e a sua descendência. A identificação entre a descendência de Abraão e o conceito Israel concretiza-se em Har Sinai com a outorga da Torá. O Talmude ensina que a Torá foi oferecida às Nações que a recusaram e que caso Israel tivesse recusado a Torá o mundo teria deixado de existir (já que o seu propósito seria gorado).
5. Abraão Halvri (o Hebreu) fez a Aliança com Hashem, que envolveu a promessa de um papel futuro para a sua descendência, os Hebreus, como o "Israel".
6. No Egipto os Hebreus multiplicam-se e deles emergem os B'nei Israel do Êxodo. Os Hebreus que não optam pelo Êxodo morrem na nona praga. A multidão mista (Erev Rav), que são falsos prosélitos, acompanha os B'nei Israel no Êxodo. O Erev Rav, a fonte de quase todos os problemas e revoltas que surgem no deserto nas relações entre Hashem e Ha'am (o Povo), quis voltar para o Egipto.
7. Um conceito fundamental que distingue o Judaísmo dos outros monoteísmos éticos e que exprime e veícula a relação entre Hashem e o Israel, que teve o seu início em Abraão, é o conceito de Aliança (Berit). Este conceito evita o defeito fatal do monoteísmo, ou seja o imperialismo religioso baseado no trinómio: Um Deus - Uma Religião - Uma Verdade. A Aliança é a fonte das obrigações mútuas, absolutas mas particulares de Hashem e Israel. É este carácter particular da Aliança que cria espaço para a relação/aliança entre outros povos (B'nei Noach) e Hashem, no contexto das Sete Leis dos Filhos de Noach, que são o denominador comum mais baixo e universal que obrigam toda a Humanidade.
8. O Ari'zal ensina a regra midráshica de que sempre que a Torá refere os B'nei Israel como Ha'am refere também o Erev Rav.
9. Os Hebreus que não querem deixar o Egipto, o Erev Rav que quer voltar para lá e os B'nei Israel que querem avançar para Sinai e Canaan existem, não só nos relatos do Êxodo, mas também como arquétipos psico-espirituais do nosso inconsciente colectivo.
10. Mitzraim (Egipto) não é só um lugar mas é um estado de afastamento espiritual. Assim diz-se que Hashem tirou os Judeus de Egipto e Egipto dos Judeus.
11. Os B'nei Israel surgem no contexto do Êxodo e da Aliança firmada em Har Sinai, no papel do Israel para o qual o Mundo foi criado. Assim, o "ser judeu" não pode ser separado da Aliança, já que somos o "Israel" em concreto.
12. O ter mãe judia, faz-nos membros de Ha'am, com os nossos vários arquétipos. O resto depende de nós. Podemos ser Hebreus/Erev Rav subtraídos da Aliança com Hashem, ou tentar ser os B'nei Israel proactivos, que cumprem a sua missão como o Israel da Criação.
13. A Teshuvá é o regresso à Aliança que é a nossa relação particular com Hashem e que nos distingue das Nações, mas também nos afasta dos "Hebreus que ficaram em Mitzraim" e do "Erev Rav que quer voltar para Mitzraim" presentes em nós.

em Novembro/Dezembro



GRANDE FESTA DE CHÁNUKA NA CIL



Dia 14 de Dezembro - Domingo - às 18h00
Participação: Adultos 8€ + 1 agasalho
para uma Campanha de Solidariedade Social
(crianças até 10 anos não pagam)

Deliciosos Sufganiot, levivot ...
Exposições de trabalhos manuais,
apresentações artísticas dos jovens e crianças de Dor Chadash,
Grupo Guil Hazaav, Coral Etz Chaim da CIL,
sorteio de passagem a Israel e muito mais ...

Venham e tragam as suas famílias. Prestigiem!



O Musical **Scents of Light**, em português - Rastos de Luz, passa-se num campo de trabalho nazi, em plena II Guerra Mundial, relatando uma história de amor entre dois jovens judeus aprisionados e a amizade de um oficial alemão pelos dois judeus.

A história é contada em dois actos. Inicia-se em Janeiro de 2001, na casa do velho Joshua, que recorda a sua amada de sempre. Com ele, somos transportados para o campo de trabalho nazi de Stalag III, em Novembro de 1941. A chegada de mais um comboio carregado de prisioneiros judeus, leva ao reencontro de Joshua com a sua noiva Hannah, feita prisioneira seis meses antes e com o seu amigo de infância Andreas, agora oficial alemão. Os poucos dias passados em Stalag III, vão mudar para sempre as suas vidas... e não deixará ninguém indiferente! Eles testemunham o poder do amor e a força da esperança, verdadeiros rastos de luz numa existência humana, cujo significado nem a guerra conseguiu apagar.

Venha viver **Scents of Light**... deixe-se invadir por estes rastos de luz...

O elenco constituído por 59 elementos: cantores, actores, bailarinos e uma orquestra de 30 elementos que actuará ao vivo, farão de **Scents of Light** - Rastos de Luz um espectáculo de grande dimensão e excelente qualidade...

Uma Grande Produção Nacional.

Durante uma semana, poderá assistir a este brilhante musical no Porto, no **Teatro Rivoli**.

Novembro 2003
Dias 24, 25, 26, 27 pelas 21h30

Livros



• **“Judeus em Portugal” - Coleção “Histórias de Vida”** - O Testemunho de 50 Homens e Mulheres. Primeiro volume da nova coleção “Histórias de Vida”, dirigida pelo historiador português José Freire Antunes. É uma obra de referência nacional, que inclui um testemunho do Presidente da República de Portugal, Jorge Sampaio, e abundantes revelações históricas com base em documentação inédita dos arquivos do Ministério dos Negócios Estrangeiros (Lisboa).

NOVOS EXEMPLARES JÁ ESTÃO NOVAMENTE À VENDA NA NOSSA SECRETARIA! Quantidade disponível limitada ! Apenas 35,00 €



• **Lendas e Contos Judaicos** - José Jorge Letria / Alain Corbel - Editora Ambar

• **“Gueto de Varsóvia”** - Lançamento no Espaço Memória dos Exílios no Estoril - Dia 18 de Novembro - às 21horas

Tradução - Miguel Bekerman

Coordenação da Edição - Miriam Assor

Apoio : Câmara Municipal de Cascais

Televisão

• **Chai TV** - vai ser lançado em 2004, um canal judaico de televisão internacional, CHAI TV, sediado em Paris. O projecto denomina-se “The missing link” (O elo que faltava) e irá debruçar-se sobre a vida e história judaica e sobre o Médio-Oriente. Não haverá emissões directas aos Sábados. Nove jornalistas franceses e americanos estão já a preparar o projecto que tenciona ter 40 jornalistas a trabalhar em Paris e 20 em Jerusalém.

1º ANIVERSÁRIO DO SITE OFICIAL DA CIL!

O NOSSO SINCERO AGRADECIMENTO A TODOS OS NOSSOS VISITANTES E SIMPATIZANTES QUE NOS ESTÃO A PRESTIGIAR E APOIAR



www.cilisboa.org



Conheça as super novidades da nossa nova “Secção Interactiva” com a **sondagem do mês, humor, receitas da culinária judaica, músicas judaicas, as últimas notícias de Israel e imagens do Muro das Lamentações em tempo real !!!** Mais ainda haverá outras surpresas. Aguardem e fiquem atentos...

Visite! Divulgue! Faça o seu registo e dê a sua opinião!

homenagens

Parabéns a... Aniversariantes

Edgar Lowenthal	03-11
Salomão Rosenfeld	07-11
Beila Leia Szary	11-11
Renato Arié	14-11
Álvaro Leon Cassuto	17-11
Clara B.Hayat	17-11
Andréa Teruszkin	18-11
Eva Ettner	19-11
Toni Ruah	19-11
Edith Foerster	19-11
Alexandre Brodheim	19-11
Ester Bekerman das Neves Carneiro	21-11
Mark Robertson	21-11
Martha Steinhardt	25-11
Vera Curiel	27-11
José Salvado	28-11
Jeremy Aboab Leidstar	29-11
Gabriel Steinhardt	29-11
Peter Merrin	30-11

NOVEMBRO

Mazal Tov! Os nossos **parabéns** e os votos de muitas felicidades a todos!

Participe nestas homenagens.

Atualize os seus registos junto à nossa secretaria através do tel. 21 393 11 30 - de 2ª a 5ª feira - das 14h00 às 17h00 horas.
secretaria@cilisboa.org

Resultados da nossa sondagem virtual Mês de Outubro

Observa o Shabbath? Are you Shomer Shabbath?		
Answer	#	Percent
Sempre / Always	14	24.56 %
Parcialmente / Partially	3	5.26 %
Só em ocasiões especiais / Only on special occasions	6	10.53 %
Nunca / Never	34	59.65 %

Visite o nosso site em www.cilisboa.org e participe da nossa sondagem mensal !
Os resultados serão publicados mensalmente em nosso Boletim Tikvá!

nahalot

CESHVAN	4	Magda Buzaglo	17	Menahem Adrahi
Sábado 15/11	4	Vittoria Maissa	Sábado 13/12	
20	4	Anna Roffe Levy	18	Joachim Draiblate
20	5	Ruben Bak Gordon	19	Shlomo Bekerman
22	5	Fortunata Esaguy Manaças	19	Fraim Adrahi
22	7	Salomão Levy Jr	19	Paulo Cymerman
23	9	Moisés Lev	20	Szindla Goldrajch
23	10	Mecia Azriel	20	Simy Bensimon Barreiros
23	10	Micael Uzzan	20	Maximiliano Bachman
24			21	José Tuati
24			21	Isaac Marques
25			22	Mazaltob David
Sábado 22/11			23	Alegria Obadia
27			Sábado 20/12	
27			25	Clementino Benoliel de Carvalho
27			27	Jacob M. Sequerra
29			27	Raquel Toledano
1			27	Myriam Fresco dos Santos
2			28	Theodor Richheimer
3			29	Alegria Bendelac
KISLEV			29	Lucia Terló
Sábado 29/11			30	Margot Berkowitz
	4			
	4			
	5			
	5			
	7			
	9			
	10			
	10			
	Sábado 06/12			
	11			
	12			
	12			
	13			
	14			
	14			
	14			
	14			
	14			
	16			
	17			
	17			
	17			

Quer Vender a Sua Casa?



O Consultor Comercial da Consultan é um profissional com referências, que lhe fornece os conselhos certos, para vender a sua casa nas melhores condições.

Contacte-nos!

Fazemos a avaliação do seu imóvel gratuitamente!



CONSULTAN

Soc. Med. Imobiliária AMI 804

Av. da Liberdade, 258 - 3º andar - 1250-149 - Lisboa - Tel.: 213 173 880

E-mail: consultan@consultan.com - www.consultan.com



Tikvá תקוה

Envie os seus textos
e sugestões para TIKVÁ até
ao dia 15 de cada mês.

Rua do Monte Olivete, 16 r/c. esq.

1200-280 Lisboa

e-mail: tikva@cilisboa.org

A quem se dirigir

Horário de funcionamento da Secretaria

Segunda a Quinta-feira, 9h00 às 17h30

Sexta-feira e vésperas de festas Judaicas
das 9h00 às 13h00

Horário de almoço

das 13h00 às 14h00

Atendimento ao público

Segunda a Quinta-feira, 13h00 às 17h30

Os espaços para reuniões devem ser agendados
com aviso prévio, mínimo de 48 horas

Tesouraria

Acácia Dourado

tesouraria@cilisboa.org

Telf. 213 931 134

Atendimento de Segunda a Quinta-feira, das 10h00 às 13h00

Telefone

213 931 130

Fax

213 931 139

Secretária

Estrella Assayag

secretaria@cilisboa.org

Director Executivo

Marcos Prist

director@cilisboa.org

Movimento Juvenil Dor Chadash

dorchadash@cilisboa.org

Visite o nosso site: www.cilisboa.org

Donativo para assinatura

Nome _____

Morada _____

Código postal _____ Localidade _____

Assinatura anual, € 30 euros (11 números) para os não membros da CIL em Portugal

Assinatura anual, € 50 euros (11 números) para assinantes no estrangeiro

Distribuição Gratuita para os membros da CIL